

Tendências | Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular a debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br | twitter.com/Folhadebate

Que potência queremos ser?

DAVID OLIVEIRA DE SOUZA

André Sandoval



Por todos os cantos sopram ventos de um Brasil potência, o que aumenta nossa responsabilidade diante dos gritos da Terra

TERCEIRA semana de 2010. Em algum lugar da África acaba de amanhecer. Sentada no chão de terra de uma enfermaria humanitária, uma mulher segura um bebê enrolado em panos. Eu e você nos aproximamos e afastamos o tecido com cuidado. Para nossa surpresa, não se trata exatamente de um bebê, mas da menina Thérèse, de sete anos, tão pequena e magra que não tem forças sequer para engolir. Por sua narina passa um cateter que conduz o alimento diretamente ao estômago.

De quem é a culpa por ela ter chegado a esse estado de desnutrição? De Deus, que não usou suas mãos onipotentes para protegê-la? Da natureza, que não trouxe as chuvas no tempo certo? Do mercado, que permitiu o aumento do preço dos alimentos? Dos países ricos, que negligenciaram a ajuda internacional? Do governo, que não deu apoio à agricultura familiar? Certamente, não de Thérèse.

A tarde começa e o calor nos incomoda. O suor escorre rosto abaixo. Estamos agora num povoado do semiárido brasileiro. Na sala escura de uma casa de taipa, vemos Maria preparando o almoço com o que há disponível: água e um punhado de açúcar. As crianças tomam na garapinha algumas calorias e quase nenhum nutriente. Entradas na bebida açucarada, não chegam a perceber as lágrimas que deslizam pelo rosto de "malinha". Ela chora porque possui um córtex cerebral humano.

A imagem dos filhos com fome imprime-se em suas retinas, viaja pelo nervo óptico, converte-se em sinal elétrico e espalha-se por milhões de neurônios até chegar ao lobo ocipital. Uma cascata de reações químicas e neuronais chamada emoção é então iniciada. Maria tenta achar uma solução para seus meninos, mas solução não há. Nem comida. Só a sensação de impotência, cada vez mais dolorosa.

Precisamos nos apressar. Ainda temos que chegar a uma metrópole do Sudeste asiático. Chove tanto que eu e você quase escorregamos no lamacoso dos caminhos da favela. A água já invadiu várias casas. Enfim encontramos o barraco onde vive a menina Abbaïa, seu irmão Gadin e os jovens pais. Com a chegada da noite, apagam-se as distrações que enganaram o estômago das crianças durante o dia. Abbaïa e Gadin pedem comida.

O pai tem matado a fome e a humilhação com as calorias vazias do álcool. Para a mãe, o momento é de solidão e assombro. Ela tenta acalmar os

filhos com pedacinhos inventados de esperança, jogos de cena. "Meus amores, vou botar a panela no fogo, já já nossa janta fica pronta." E vai soltando pedras e gravetos dentro do tacho de água fervente enquanto sussurra uma prece: "Tende piedade, senhor. Fazei com que minhas crianças adormeçam enquanto esperam".

As pessoas que acabamos de visitar são reais e, em 2009, pela primeira vez na história seu número superou a marca de 1 bilhão de seres humanos.

A segurança alimentar existe quando toda pessoa, em qualquer tempo e lugar, tem condições de acesso a uma alimentação saudável e em quantidade suficiente para cobrir suas necessidades diárias.

A alimentação é um direito humano básico que possui uma característica peculiar: quanto mais privado dele se está, menor é a capacidade de um indivíduo conseguir lutar para fazê-lo cumprir-se. Cada punho que se ergue, cada grito de clamor, cada passo que avança em busca de justiça depende da existência de calorias, nutrientes e células humanas em bom funcionamento nos corpos de seus executores.

Não é à toa que dentre os sinais da destruição estão a imobilidade, a expressão apática, a ausência de brilho no olhar e a incapacidade de reagir a

estímulos. A fome tende a ser uma dor silenciosa e, por isso, escondida em muitos lugares do planeta.

Durante a última cúpula mundial sobre segurança alimentar, em Roma, os Estados adotaram uma declaração propondo estratégias e ações para erradicar a fome no mundo. Infelizmente, o texto carece de objetivos quantificáveis e prazos precisos, o que faz dele um compromisso inconsistente. Ademais, quase nenhum dos líderes do G8, em tese os principais financiadores das ações propostas na declaração, compareceu ao encontro.

Por todos os cantos do planeta, sopram ventos de um Brasil potência. Tanto otimismo não deve sufocar a necessidade de reflexão que esse momento de crescimento impõe.

Como potência, aumenta nossa responsabilidade diante dos gritos da Terra e do sofrimento de pessoas como Maria, Thérèse, Abbaïa e Gadin.

Como potência, somos chamados a pensar paradigmas cada vez mais comprometidos de ajuda humanitária e desenvolvimento internacional e a procurar por eles inclusive nos programas de governo dos candidatos à Presidência da República.

Como potência, quanto falta nos fará a doutora Zilda Arná!

Roma decepcionou com a segurança alimentar, Copenhague fracassou com o clima. Fica valendo para o Brasil a velha pergunta feita a tantos pequinenses: O que você vai fazer quando crescer?

DAVID OLIVEIRA DE SOUZA, 34, médico especialista em medicina de família e comunidade pela Uerj, e em clínica médica pela UFRJ, mestre em relações internacionais pelo Institut des Hautes Études de Paris (França), é professor de saúde coletiva da Universidade Federal de Sergipe. Trabalha com organizações humanitárias em diversos países.

Painel do Leitor

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail, fax (011/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4. andar, São Paulo/SP, CEP 01022-900). As mensagens devem ser concisas, conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. leitor@uol.com.br

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE www.folha.com.br/paineldoleitor

Haiti

"Fiquei estarelecida com a declaração do cônsul do Haiti, George Antoine, que fala muito bem a nossa língua, para atacar com todas as letras as religiões africanas, reproduzindo preconceitos milenares dos 'civilizados' contra a barbárie (Cônsul do Haiti atribui tremor à religião africana), **Mundo**, 16/1. Como este senhor explicaria o terremoto que dizimou a católica Lisboa no século 18? E como seria possível explicar a permanência, há décadas, num consulado do Haiti em São Paulo, dessa catástrofe humana que não tem o menor respeito pela cultura e pelas religiões dos povos de origem africana? Esperamos que ele desapareça do consulado e seu nome nunca seja lembrado, ao contrário da nossa grande mártir, católica sem preconceitos, dra. Zilda Arná."

VIRGINIA GONÇALVES (Londrina, PR)

"Observando a movimentação de ajuda às vítimas do terremoto no Haiti, não notei nenhuma ajuda das grandes instituições religiosas, tais como Igreja Universal, Igreja Renascer em Cristo e a própria Igreja Católica, que, afinal, movimentam milhões em construções de templos suntuosos. Onde estaria o amor ao próximo que pregam?"

ADALTO FOGACA (São Paulo, SP)

"O chanceler Celso Amorim deveria se preocupar com a situação caótica no Haiti, com nossos soldados que lá estão, e deixar de lado essa ciumeira tola em torno do envio de soldados americanos para ajudar na manutenção da ordem (Brasil critica 'assistencialismo unilateral' de Washington), **Mundo**, 16/1. Aos atingidos pela tragédia não importa qual a farda que seja usada pelos soldados, e o ministro deveria fazer o mesmo."

JOSÉ LUIZ HENRIZ (São José do Boa Vista, SP)

Direitos humanos

"Que direitos humanos estão sendo defendidos pela extrema esquerda do PT? Os direitos dos terroristas e assassinos, que desestabilizam a sociedade no final da década de 60 e deram aos militares a desculpa que precisavam para assumir de vez a ditadura? Não será isso apenas revanchismo? Será que os badenciros de então receberam realmente as punições que mereciam? Todos eles? Muitos foram torturados e assassinados, o que é inaceitável. Absurdo. Mas reabrir o caso depois de tantos anos para punir os poucos torturadores e criminosos que restaram, apenas de um lado, é um desserviço ao país num momento raro de crescimento."

MÁRIO NOGUEIRA NETO (Ponta Grossa, PR)

"Em aproximadamente 14 anos, o Ministério do Trabalho resgatou 36.169 trabalhadores em situação análoga de escravidão. No dia 8 de janeiro, esse jornal informou que o BNDES suspendeu os financiamentos à empresa Cosan, do setor da agroindústria, em razão de terem sido localizados em seus empreendimentos trabalhadores nessa abjeta situação. Ainda, no mesmo dia, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, teve críticas ao Plano Nacional de Direitos Humanos, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, por considerá-lo preconceituoso com o setor da agroindústria.

Eu, como cidadã, estou muito contente com o ministro Vannuchi, que apresentou um plano abrangente e diversificado de ações que visam a garantia da dignidade da pessoa humana. Eu, como brasileira, estou feliz porque esse plano contempla a possibilidade de conhecermos nossa história e, conhecendo-a, aumentar as condições para a consolidação de um Estado democrático no Brasil."

ADRIANA GRAZIANI (São Paulo, SP)

Cerveja

"O sr. Alexandre Loures, diretor de Comunicação da AmBev, pode não ter gostado do brilhante artigo do professor Rogério Cezar de Corqueira Leite ('Cerveja: o orgulho de quem fatura mais', 'Tendências/Debates', 14/1), mas, em sua resposta ('Painel do Leitor', 15/1), não foi (ou não quis ir) ao ponto: afinal, usam-se ou não estabilizantes e conservantes nas cervejas fabricadas no Brasil pela AmBev?"

E quanto ao 'sucesso de nossos produtos junto aos consumidores', proponho o seguinte teste: coloque-se à venda na mesma prateleira as marcas alemãs, belgas e inglesas pelo mesmo preço ao consumidor da Bohemia, Original ou Skol e veja-mos o que acontecer! Vamos ver quem vende mais."

CLAUDIO JAGER (São Paulo, SP)

Scanners

"O senhor José Sarney tratou, em artigo de 15 de janeiro de 2010, do scanner corporal. Poderia ter ponderado sobre a colocação desses aparelhos nas portas de alguns prédios de Brasília. Inclusive naquele que ele preside. Seria ótimo para detectar dinheiro sujo em cuecas, meias e outros locais não convencionais."

IVAN BARROS (C. Riiba, PR)

Justiça

"É com profundo desalento e desconfiança da Justiça de meu país que vejo mais uma concessão de liminar suspendendo processos contra figuras do poder. Primeiro foi a Operação Satiagraha contra Daniel Dantas e seus assasclás, agora a Operação Castelo de Areia envolvendo supostos crimes financeiros da Camargo Corrêa. Não é o juiz Fausto de Sanctis, da 6ª Vara Criminal de São Paulo, que sofreu derrota, mas todos nós brasileiros que vivemos com integridade e observamos estarelecidos a impunidade que corrobora como câncer grassar em nosso país, embora nunca haja uma sentença condenatória final.

Parece que os processos instaurados são apenas jogo de cena que causam certo desconforto inicial aos réus, mas, em algum momento lá na frente, algum desembargador se orgulhará de suspendê-lo por alguma filigrana jurídica, sem que sejam levadas em conta as inúmeras provas levantadas.

Aqui no Brasil, Madoff jamais seria condenado a 120 anos de prisão depois de ter sido descoberto a maior fraude na história da bolsa de Nova York. Lá, a justiça dá uma rápida resposta. Aqui, talvez, ele se elegesse deputado."

DANIEL ROCHA (Caiçaras, SP)

"Não é correto dizer que um juiz sofre uma 'derrota' quando suas decisões são revistas por tribunais superiores (Decisão é a 3ª derrota do juiz em 1 mês). **Brasil**, 15/1. Isso é rotina na vivência forense. Então, pergunto, por que, quando se trata de uma decisão do juiz de Sanctis que é reformada, o tratamento editorial do tema é no sentido de que ele foi 'derrotado'? A impressão que se tem é que existe uma verdadeira orquestração para desacreditá-lo perante a opinião pública. Nesse caso, derrotados são os leitores da **Folha**."

NELSON LUIS SANTANDER (Marília, SP)

Boas-festas

A **Folha** agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de: **Unieamp** (Campinas, SP); **Alceu Neves Garcia** (Orlândia, SP); **Maxpress** (São Paulo, SP); **Apae** (Batatais, SP); **Revista Mix** (Ribeirão Preto, SP); **Bárbara Juneck**, Atoz Comunicação (São Paulo, SP); **Vale das Grutas** (Altinópolis, SP); **Múltiplos Eventos** (Ribeirão Preto, SP); **Mercadotecnica** (Ribeirão Preto, SP); **Ana Paula Vais, Alessandra da Paz e Camila Ancona**, setor de comunicação do Ccpca, da Esalq/USP.

A produtividade é uma questão de crédito

EDUARDO LORA

A escassez de crédito é uma das razões que explicam por que existem empresas com níveis tão diferentes de produtividade

OS SISTEMAS financeiros da América Latina conseguiram corrigir muitos dos seus antigos problemas de ineficiência que estavam relacionados a governos que intervêm de forma excessiva, mas regulavam e supervisionavam muito pouco. Uma evidência desse progresso é que os bancos latino-americanos têm resistido incólumes à crise financeira global. No entanto, a profundidade dos sistemas de crédito latino-americanos é ainda muito baixa para os padrões internacionais e, em muitos países, ainda não voltou aos níveis alcançados no início dos anos 80.

A escassez de crédito é uma das razões que explicam por que existem empresas com níveis tão diferentes de produtividade, especialmente entre as pequenas e médias empresas.

Devido à falta de acesso ao crédito, as empresas que são mais produtivas não podem expandir-se, e aquelas que são menos produtivas não têm condições de adotar os avanços tecnológicos e fazer os investimentos que poderiam aumentar sua produtividade. Em setores dominados por pequenas empresas, a produtividade depende fortemente do acesso ao crédito.

Um estudo realizado na Colômbia descobriu que, nos setores de pequenas empresas, um aumento de até 14% sobre os montantes dos empréstimos recebidos no período de uma década resultou em melhorias de produtividade de 50%.

A falta de crédito tem outro efeito negativo sobre a produtividade, já que reduz os incentivos para que empresas informais se legalizem e respeitem as leis tributárias e trabalhistas. Isso afeta a produtividade, pois permite a sobrevivência de empresas deficitárias, que podem prejudicar em

operação porque têm custos mais baixos do que suas contrapartes formais. A expansão do crédito pode contribuir significativamente para a formalização do emprego, como mostra um estudo sobre a experiência do Brasil entre meados de 2004 e o início da crise financeira mundial quatro anos mais tarde. Nesse período, a porcentagem de trabalhadores contratados aumentou de 38% para 45%, e o crédito formal para as empresas subiu de cerca de 15% do PIB para 24%.

Isso não foi mera coincidência: os setores mais dependentes de crédito para suas necessidades de investimento e fluxo de caixa foram precisamente aqueles que experimentaram maior formalização do emprego.

O aumento da oferta de crédito pode ser um forte incentivo para a produtividade. Mas a expansão do crédito pode ser prejudicial para a produtividade se não for sustentável.

Essa lição que está sendo assimilada por alguns países desenvolvidos é velha para a América Latina. Há duas razões centrais pelas quais uma subitinação do crédito é prejudicial para a produtividade de longo prazo.

Por um lado, os episódios de escassez de crédito levam ao adiamento de investimentos necessários para a adoção de novas tecnologias que aumentem a produtividade. É difícil re-

cuperar esse atraso mais tarde.

Por outro lado, quando o crédito desaparece, as empresas que são forçadas a fechar não são necessariamente as menos produtivas, mas estão geralmente no grupo de firmas menores, o qual inclui tanto empresas produtivas quanto improdutivas.

A pequena empresa tem de ser três vezes mais produtiva que uma grande para ter uma chance similar de sobrevivência durante a escassez de crédito. Se as crises de crédito são frequentes, as pequenas empresas que são eficientes não têm mais probabilidades de sobreviver que as ineficientes.

Como é possível estabelecer mais crédito e mais estabilidade financeira? Embora a região tenha sido relativamente bem-sucedida no desvio do terremoto financeiro global, ainda há três desafios imediatos a enfrentar.

O primeiro é corrigir o quanto antes os déficits fiscais que foram criados durante a crise internacional pelos pacotes de estímulo fiscal e pela queda da receita tributária, já que esses déficits são uma ameaça à estabilidade da macroeconomia.

O segundo desafio é reforçar a supervisão financeira, já que muitas empresas que foram enfraquecidas pela recessão recente estão em risco de se tornarem inadimplentes.

E o terceiro é reforçar os direitos de propriedade dos credores, permitindo que os bancos ofereçam melhor segurança jurídica para as pequenas e médias empresas. Esse é talvez o passo mais difícil, mas, por sua vez, o mais necessário para que os sistemas de financiamento contribuam mais para o crescimento da produtividade.

EDUARDO LORA, mestre em economia pela London School of Economics, e economista-chefe do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Erramos

erramos@uol.com.br

ESPORTE (12 JAN. PÁG. B2) Na reportagem "Corinthians direciona 'obsessão' a jogadores", faltou informar que Ronaldo já disputou

uma Libertadores, em 1994, pelo Cruzeiro, e que Roberto Carlos participou, pelo Palmeiras, também da Libertadores de 1995.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.